



Capela de Isidro de Almeida

Campolide, 1572.

A capela fundada por Isidro ou Isidoro de Almeida (c.1526-1574) em testamento datado de 30 de Agosto de 1572 merece referência, antes de mais, pelo seu instituidor e pelo contexto particular da sua instituição.

Isidro de Almeida, filho do licenciado e cidadão lisboeta Gaspar Lopes de Almeida, e de sua mulher, Catarina de Gouveia, destacou-se pelos seus feitos na guerra enquanto militar especializado, sendo também autor de obras sobre a matéria. Segundo Sousa Viterbo, se Isidro “não era arquitecto militar, era pelo menos engenheiro de fogos, entendido na defesa de praças. Além disso, era também conhecedor de cousas relativas a metais, porventura um engenheiro de minas, no duplo sentido da palavra, tanto das minas de fortificação, como das minas metálicas” (VITERBO, 1988, p.7). Foi nesta qualidade que, em 1559, sendo já identificado como cavaleiro fidalgo da Casa do Rei, recebeu o ofício de provedor e feitor mor dos metais (ANTT, Chancelaria de D. Sebastião e de D. Henrique, lv. 2, fl. 324.). Três anos mais tarde esteve com as forças portuguesas no cerco de Mazagão e os seus feitos e engenhos explosivos valeram-lhe várias menções na crónica que Agostinho Gavy de Mendonça lavrou sobre a batalha em 1607 (MENDONÇA, 1890, pp. 76, 84-85, 90, 103-104, 122, 128, 137 e 143). Numa dessas menções, o cronista descreve uma mina “mui difficultossíssima de fazer” que levou à impressionante explosão de sete barris de pólvora, de tal modo que “ficaram os vivos espantados” (idem, pp. 103-104).

Estas e várias outras prestações militares dentro e fora do território português (FEIO, 2014; SOUSA, 2013) terão valido a Isidro de Almeida o privilégio da proximidade à Casa Real e à corte. Tal proximidade está patente em algumas passagens do seu testamento, onde se dirige directamente à Rainha, lembrando-lhe uma conversa que tiveram, e aos Condes de Vimioso, pedindo-lhes a protecção da sua mulher e filhos depois da sua morte.

Foi precisamente a caminho de África para mais uma campanha militar a mando do Monarca que Isidro, com 46 anos de idade, redigiu o seu testamento e nele instituiu capela. Nas palavras do testador, dirigia-se para o continente africano “a fazer o que sua alteza me tem mandado em segredo para o qual serviço sendo coisa e feito dele perigoso e de tanta importância ao bem comum deste reino e tanto do gosto particular del Rei nosso senhor como sua alteza somente sabe” (ANTT, Arquivo Gama Lobo Salema, cx. 16, pt. 129, fl. 1v). Desconhecemos que missão secreta seria esta que tanto agradava a D. Sebastião, mas a sua existência atesta sem dúvida a confiança do Rei na perícia do engenheiro militar.

Face aos perigos que se avizinhavam, Isidro de Almeida decidiu aplicar a sua terça na fundação de uma capela no mosteiro de São Bento, em Campolide, cuja construção se havia há

pouco iniciado. Talvez por influência da sua formação em arquitectura, o instituidor foi preciso na indicação do lugar onde deveria ser feita a capela – no alpendre por baixo do dormitório à entrada da porta da Igreja. Para que não restassem dúvidas a este respeito, Isidro de Almeida indica ainda no testamento que havia assinalado o local exacto na traça do mosteiro.

A capela seria da invocação de São Gregório Papa, ficando os herdeiros e testamenteiros encarregues de decidir a sua forma e feitio na condição de a concluírem até dez anos depois da redacção do testamento. Nela ficariam os jazigos do instituidor e de todos os administradores, com obrigação de missa anual pela alma do primeiro no dia de São Gregório. Para além de todos os ornamentos necessários para a celebração da missa, na capela deveria também ser colocada uma lápide com o nome do fundador do vínculo. Na mesma lápide deveria fazer-se ainda referência à “boa ventura” que Isidro de Almeida tivera em Mazagão e à jornada a África que estava prestes a realizar (ANTT, Arquivo Gama Lobo Salema, cx. 16, pt. 129, fl. 5).

Ficavam vinculados à capela todos os bens que compunham a terça do instituidor, definindo-se como cabeça de vínculo uma quinta em Campolide à frente do Mosteiro, mais tarde conhecida como a Quinta das Castelhanas. A primeira administradora da capela seria Maria de Vasconcelos, esposa de Isidro de Almeida e filha de Vitória de Ornelas, esta última ama do Príncipe D. Felipe (filho de D. João III) e ajudante na criação de D. Sebastião. Se Maria de Vasconcelos anexasse a sua terça à capela do marido como lhe havia prometido, poderia alterar algumas das condições de sucessão da administração desde que tivesse a aprovação de uns dos irmãos de Isidro de Almeida.

Essas condições de sucessão incluíam, como habitual em diversos vínculos coevos, a preferência pelo filho varão mais velho, seguido pela filha mais velha e excluindo os filhos naturais. Se nenhum dos três filhos do casal – Desidério, Lourenço e Catarina - sobrevivesse, a administração deveria passar para o parente varão mais chegado e considerado mais digno pelo Monarca. A administração não deveria ser removida da geração do instituidor “por nenhum caso do mundo” (ANTT, Arquivo Gama Lobo Salema, cx. 16, pt. 129, fl. 7). Contudo, na eventualidade de se esgotarem os herdeiros por linha direita ou transversal, poderia ser chamado a administrar qualquer homem de apelido Almeida, de preferência o que tivesse melhor moradia na Casa do Rei. De facto, todos os administradores ficavam obrigados a usar o apelido, perpetuando deste modo o nome do fundador. Para além disso, deveriam casar até aos 45 anos sob pena de perderem a administração. Depois de casados, cumpria-lhes ainda anexar à capela a terça de ambos cônjuges, aumentando assim progressivamente o património do vínculo.

Isidro de Almeida sobreviveu à sua missão secreta em África. A 26 de Junho de 1573 assina a dedicatória da sua obra Quatro Livro de Isidoro de Almeida. Das instruções militares (ALMEIDA, 1953), um dos mais antigos textos escritos em língua portuguesa sobre a guerra no período moderno (FEIO, pp. 246-275). Segundo o militar, a dedicatória foi escrita “em tão difícil tempo para mim”. Não sabemos os motivos das suas dificuldades, mas o certo é que veio a falecer pouco depois, em finais de 1574, já que o seu testamento foi aberto a 7 de Dezembro daquele ano.

Por seu turno, a capela de Isidro de Almeida sobreviveu pelo menos até ao primeiro quartel do século XIX. Depois de o seu filho mais velho falecer, e perante a inexistência de sucessores directos, o vínculo passou para os parentes mais chegados, os Salema, nos inícios do século XVII. Em data indeterminada, estes acabaram por perder a administração para a Coroa, que depois a terá transmitido a “umas castelhanas” – daí o nome com que passou a ficar

conhecida a quinta que encabeçava o vínculo. Por volta de 1825, os Salema tentaram recuperar a administração da capela do engenheiro militar, provavelmente sem sucesso.

Rita Sampaio da Nóvoa

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – Arquivo Gama Lobo Salema, cx. 16, pt. 129.

---- Chancelaria de D. Sebastião e de D. Henrique, lv. 2, fl. 324.

ALMEIDA, Isidoro de - “O quarto livro das instruções militares”, in A. Faria de Moraes, “Arte Militar quinhentista”, sep. do *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, v.23, Lisboa: 1953. Disponível em: <https://ahm-exercito.defesa.gov.pt/viewer?id=276355&fileID=2326289&recordType=Description>. [consult. 18 Maio 2022]. Vd. cópia da obra em https://proxy.europeana.eu/10501/bib_rnod_262355?view=http%3A%2F%2Farquivodigital.defesa.pt%2Fimages%2Fwinlibimg.aspx%3Fskkey%3D%26doc%3D276967%26img%3D1670%26pdf&disposition=inline&api_url=https%3A%2F%2Fapi.europeana.eu%2Fapi. [consult. 18 Maio 2022].

FEIO, Gonçalo - *O ensino e a aprendizagem militares em Portugal e no Império, de D. João III a D. Sebastião : a arte portuguesa da guerra*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014. Dissertação de Doutoramento em História. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/10965>.

MENDONÇA, Agostinho Gavy de - *História do cerco de Mazagão*, Lisboa: Typ. do Commercio de Portugal, 1890 [1607].

SOUSA, Luís Costa - *Escrita e prática de guerra em Portugal 1573-1612*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2013. Dissertação de Doutoramento em História. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/8904>.

VITERBO, Francisco Marques de Sousa - *Dicionário histórico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*, volume I, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988 [1899].